

SEXTA-FEIRA

3

JUNHO

1932

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. — radina —

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

Carta DE AVEIRO

1 de Junho de 1932

Não há assunto que valha um fósforo, mesmo sem alfinete. Isto é uma semana morta para o noticiário. Mas... tentemos sempre, a ver o que se consegue.

A Banda de Infantaria 19, aos domingos, tem dado concertos no Jardim, atraindo selecta concorrência, o que dá ocasião a que se visite o Parque, que a pouco e pouco se vai alindando. São duas distrações no viver monótono da cidade. Aos domingos, agora, também se canaliza o passeio para os lados da Mina, onde se anda procedendo á terraplanagem e construção de taludes para o ramal do caminho de ferro do Vale do Vouga. Ali se vão fazer merendas, e prolonga-se por vezes o passeio até Esgueira, onde nas locandas e ao abrigo se ingerem petisqueiras e litros de vinho.

Porque o vinho está barato e com tendências de baixa de preço, o que provoca nos bebedores o desejo de engolir copos sobre copos, sem receio de verem seus cérebros transbordados.

Que toda a vida há transbordos, e isto de uns andarem desempregados voluntária ou involuntariamente, sem meios de se sustentarem a si e ás famílias, é mau, pois que descontentes os que trabalham por terem que descontar 2 por cento para lhes acudir em tais emergências, tem dado causa a descontentamentos. Mas temos de nos socorrer uns aos outros, não vamos ser toda a vida feras em luta fratricida.

E se a Natureza se expande em exuberância de seivas criadoras, aviventando e fazendo refflorir toda a vegetação, porque nos havemos de furta a auxiliar o semelhante?

Veem até nós já os primeiros excursionistas, precursores do verão que se avizinha. Não tarda que as orvalhadas do mês de S. João se evaporem e permitam manhãs tépidas e luminosas para o veraneio nas praias, nas termas e nos campos.

Nos campos onde os pães de pragna aloiram desafiando a foice dos segadores que hão de cantar e ver cair-lhes em camarinhas, pela testa abaixo, o suor que sob a aragem da tarde os refrescará.

Porque também as fábricas dos refrigerantes laboram com actividade, e em ância, os encalmados fazem saltar as rollhas das garrafas onde o liquido espumeja.

Que a nossa terra é abençoada. Nela medram e vicejam os maraus que com manha e geito sabem levar a seus moinhos a água que movimentam as rodas, a engrena-

OS NOSSOS VINHOS

Mais uma marteladela.

E' assustadora a situação dos nossos vinicultores, pois a cotação dos vinhos continúa a baixar, oscilando entre 5 e 9\$00 o duplo décalitro, e mesmo assim os compradores não aparecem.

A falta de numerário para fazer face aos ingredientes, farmácia das vinhas — sulfatos e enxôfres, traz atrapalhados os vinicultores, os lavradores, chegando alguns a vender a batata, tubérculo ainda verde, para fazerem, assim, face aos gastos certos da presente época — cura da vinha.

As adegas, na Bairrada, na sua maioria, ainda estão pejadas de vinho.

No país, segundo os elementos colhidos, por manifesto, no dia 15 do passado mês de Maio, existiam ainda *trezentos trinta e sete milhões quinhentos quarenta e tres mil cento e cinquenta e um litros de vinho*. Onde collocar tantos milhões deste liquido? Como consumi-lo?

O rural, uma grande parte, consome menos vinho, porque não ga-

nhá para comprar pão; por isso não lhe sobra para vinho, notando-se assim uma grande perda de consumidores. Muitas famílias, compradoras, reduziram também ao mínimo o seu consumo. Assim, a crise continúa, dia a dia, a flagelar a vida económica e financeira dos nossos vinicultores e lavradores, que por sua vez transmitem o mal ao rural, pagando-lhes pequenas jornas, e outros sem trabalho, formam assim, todos, um cortejo de miséria.

Mas perguntamos: Não seria viavel a permuta dos milhões de litros de vinho que o país não consome, com os milhares de quilos de trigo que ao país faltam?

Tudo se arrumaria, se arranjaria em familia, escusando de ir bater á porta de estranhos. Bastava esta operação ser feita com as nossas colónias. Perdêem-nos se isto é uma heresia!

O vinho continúa nas adegas e não há dinheiro para vasilhame, a fim de receber o vinho da futura colheita!

Tito.

gem máxima e benevolente.

Assim, acoissados dos lados donde não se esperam nem bons ventos nem bons casamentos, caíram lá para os lados de Macieira de Cambra uns corvos arraçados de milhafres, que se propõem fazer ninho e proliferar em aposentos onde a Dôr já se acoitou e a Misericórdia males protegeu.

As benemerências como as que criam hospitais, devem respeitar-se como dons divinos. E' nos hospitais que se recolhem os enfermos e desprotegidos da sorte e dos maus instintos dos homens. E' nos hospitais que se adocam sofrimentos e se cicatrizam as feridas corporais e espirituais.

Que se ao menos êsses corvos dividissem humanamente pelos seus semelhantes o supérfluo que lhes atafulha os ninhos, ainda se entendia que fôssem bemquistos. Mas o seu instinto de aves de rapina não consente que se lhes atire com um bocado de carne, muitas vezes até se lhes negando o osso já esburgado.

E assim eu, a pouco e pouco, puxando pelo bestunto e fantasiando coisas á laia de parábolas, consegui fazer uma correspondência, enchendo quasi literalmente dois linguados. Não dêssem que abundam em nossa ria, por-

que então, fritos ou cosidos, eram linguados que satisfariam o meu paladar. Atiro-os tal qual os cosinhei sobre a minha secretária, para a Redacção, que lhe dará o destino da tipografia, para que o jornal os sirva ao natural aos seus leitores.

(Correspondente).

MESES

JUNHO

Santo António lusitano,
S. João, o Precursor,
E S. Pedro: — ai estão do ano
Os santos de mais fervor!

Não há moça que não traga
Todos tres no pensamento,
Na esperança risonha e vaga
De encontrar bom casamento!

Transferência

Foi transferido, a seu pedido, da Repartição de Finanças de Castelo de Vide para a de Cantanhede, o nosso velho amigo e distinto aspirante de finanças, sr. José Toscano. Parabens.

Sociedade

CHEGADAS

De regresso da América do Norte, chegou á sua casa da Barreira de Bustos o nosso amigo e antigo assinante, sr. Manuel Martins, a quem apresentamos cumprimentos de boas-vindas.

ESTADAS

Encontra-se nesta vila a sr.^a D. Maria José Moutinho, do Porto.

DOENTES

Está doente em casa de seu pai, nosso amigo, sr. José Ramos, digno chefe da Estação do Caminho de Ferro desta vila, o seu filho, sr. Luís Monteiro de Carvalho, factor dos Caminhos de Ferro em Aveiro.

— Também tem estado doente o nosso assinante, sr. António Augusto Navega, de Vendas de Samel, que, apesar de sofrer uma operação, se encontra quasi restabelecido.

Grafonolas e discos «Odeon» e «Brunswick», vendem-se na Relojoaria Neves.

ECOS

DIGNO DE REGISTO

ESCREVE-NOS «Um católico republicano», dizendo, a propósito dum suelto aqui ultimamente publicado, que nem toda a imprensa católica é contrária à República. E, para o demonstrar, envia-nos um recorte da «Era Nova», jornal católico, que assim responde a um outro periódico que o havia aconselhado a que desancasse «A Voz» e quejandos órgãos monárquico-católicos — muito mais monárquicos do que católicos:

«Não, irmã; dar pancada e destruir é bom para os tiranetes e para os partidários deles; para os fanfarrões, trauliteiros, «camelões do rei»... Nós temos a razão por nós, não precisamos de levar as coisas aos encontros».

Ora aqui não se afirmou que toda a imprensa católica é adversa à República, mas sim que não conhecemos nenhum jornal católico que a defenda. A própria transcrição da «Era Nova» não é uma afirmação expressa de republicanismo. Este órgão da nova corrente católica combate a imprensa católico-monárquica, o que já é, na verdade, digno de registo.

ACTIVIDADE REPUBLICANA

INFORMA a Liberdade, de Lisboa, que por todo o país se tem notado ultimamente uma animada reviviscência no seio das sociedades e ligas republicanas.

Achamos bem e entendemos que se deve redobrar de esforço no sentido de doutrinar as massas populares, educando-as na grande escola da Democracia e mantendo-lhes bem vivo o amor pela República.

INOCENTES...

REFERIMO-NOS, no último número, á fôbia do nudismo — que é, sem dúvida, coisa muito natural, embora pouco convencional.

Aí vai descrito sucintamente um outro caso devéras sintomático:

Na Bessarabia, a policia assaltou uma cave onde um grupo composto por uma centena de jovens raparigas e rapazes dançavam, absolutamente nus.

Interrogados os presos, declararam pertencer a uma seita denominada «Os Inocentes». A policia, comtudo, tinha razões suficientes para duvidar de toda aquela «inocência» e viu-se obrigada, para efectuar a prisão, a corresponder, com uma descarga, a um ataque á pedra por parte dos nudistas, matando dois e ferindo quatro.

Numa busca efectuada á cave a policia encontrou grandes stocks de ouro, prata e quadros a óleo.

E' interessante saber-se que a policia tolerou o club dos «inocentes» durante algum tempo. Só agora, como o número de sócios aumentasse consideravelmente, e o club se tornasse cada vez mais

O meu cantinho

OIS DA RIBEIRA, 27-5-1932

Foi já há bastantes anos. Estava no poder o Partido Democrático, e nós, à falta de homens, também fazíamos parte da Câmara Municipal de Agueda.

Um dia apareceu-nos num gabinete, aonde nos encontrávamos, o ilustre Inspector Escolar, sr. Joaquim Rodrigues das Neves, para lembrar a conveniência da Câmara representar ao governo no sentido de ser criada em Agueda a Escola Primária Superior e inscrever no orçamento ordinário, nessa altura em organização, uma verba para a sua manutenção, caso ela fôsse criada.

O alvitre de sua ex.^a foi logo por nós perflhado, tanto mais que tinha um fim a todos os títulos simpático, e lá se fez a petição ao governo e foi inscrita no orçamento uma quantia que hoje nos não lembra a quanto montava. Isto quer dizer que, se havia quem se interessasse pela dita escola, o sr. Inspector Neves foi dos primeiros a dar um passo em frente, muito embora mais tarde se insinuasse que ele e nós eramos inimigos dela. Mas adiante.

Devemos também acrescentar que o sr. dr. Manuel Alegre, então filiado no Partido Democrático, trabalhou quanto pôde para que a Escola Primária Superior em Agueda fôsse uma realidade. Isto veio a propósito de quê? Já sabemos. Veio a propósito da atitude sempre agressiva e incorrecta dos monárquicos por toda a parte. Hostilizam, por todas as formas e feitios, todos os que não pertençam à sua *igrejinha*. A Escola Primária Superior, como não fôsse criada por eles, logo lá na sua gazetória a baptizaram com o nome de *Porqueira*, não só com o fim de amesquinharem uma obra da República, como também para ferir malcriadamente o donatário da casa aonde a referida escola funcionava.

Mais tarde, como se sabe, essas escolas foram extintas pelo governo, e outra em Agueda se criou com nome e professorado diferente. Publicam-se na vila dois jornais republicanos, e até hoje ainda não vimos que eles inserissem palavras desprimorosas para a actual escola, nem tão pouco para os seus dignos professores. Os republicanos são em tudo superiores aos monárquicos.

No passado dia 9 fez 7 anos que faleceu nesta freguesia um cidadão que em vida se chamou Ricardo Pires Soares. Foi um homem honestíssimo, um carácter intranzigente, que nunca abdicou dos seus princípios liberais. E para o provar, basta dizer que, por sua determinação, o seu entêro foi civil. Sua esposa, uma bondosa senhora, naturalmente por sugestão de algu-

popular, resolveu intervir energeticamente.

Decerto que os apologistas do nudismo lhe atribuem vantagens; mas é inegável que tem também os seus inconvenientes, entre eles as moscas... e a polícia.

REMATE CÓMICO

NA escola:

— Senhor mestre: eu queria que o meu rapaz aprendesse a ler. Mas... quantas são as letras?

— São vinte e cinco. Porquê?

— Vinte e cinco?! Oh! isso é muito para um pobre lavrador como eu. Basta que lhe ensine seis ou sete.

Pela imprensa

«REPÚBLICA»

Completo mais um aniversário este nosso colega de Lisboa. Apesar da crise que atravessam os jornais, a *Répública* tem-se firmado pela boa doutrinação.

A Ribeiro de Carvalho e a todos os seus cooperadores, endereçamos os nossos parabéns.

Se mais alguns dos nossos colegas entraram também em novo ano de publicidade, sem que, por lapsos, os tenhamos saudado, fiquem certos que não foi por mal.

Por isso, aproveitando este ensejo, desejamos-lhes muitas felicidades.

mas zeladoras, mandou nesse dia rezar uma missa por alma de seu marido, o que achamos esplêndido, porque provado ficou à evidência que tanto valor tem um entêro civil como um católico. Ou então a lógica é uma batata.

E agora, caro leitor, já sabemos que vamos receber as reverendíssimas e sagradas *amabilidades* do costume. Mas isso até dá assim um certo prazer a um homem como nós, sem prestígio algum, o ser discutido e injuriado por um servo do Senhor que gosa, nem só em Ois como em todo o concelho de Agueda, de *gerais simpatias*, não só porque tem sido um verdadeiro *anjo de paz* como também um *benemérito*, e, em morrendo, todos os pobrezinhos o hão de prantear pelo bem que na terra lhes fez.

Portanto, tudo o que vier, iremos arquivando com resignação, e tudo será em desconto dos nossos pecados. Amen.

Foi há dias ao Porto uma comissão conferenciou com o engenheiro, sr. Moreira de Sá, sobre as decantações obras da nossa ponte. Sua ax.^a, segundo nos informam, recebeu os comissionados com muito boas palavras e prometeu dar a ponte concluída até ao fim do ano. Oxalá que assim suceda.

Porém, não nos consta que tivesse havido alteração para menos na importância do primeiro tratado que sua ex.^a não cumpriu, o que devia ser, visto que a mão de obra, pelo menos, está muito mais barata.

Tem estado bastante doente a esposa do nosso bom amigo, sr. Manuel Joaquim Pires dos Santos, a quem desejamos alívios.

Está entre nós, vinda de Setubal, com sua filhinha Dália, a sr.^a D. Nazaré Pires dos Reis, esposa do nosso amigo, sr. Adolfo Pires dos Reis, estabelecido naquela praça.

C.

SPORT

Foot-ball

No dia 29 de Maio último realizou-se nesta vila um encontro de *foot-ball* entre o grupo local (2.^{as} categorias) e o «Pimponenses», de Fermentelos, terminando o jogo por 4-1 a favor do «Pimponenses». A arbitragem foi imparcial.

No próximo domingo, 5, visita-nos o grupo «Os Patitos», de Aveiro, que se defrontará com o «Sport União Oliveirense», desta vila.

Se o tempo permitir, lá iremos até ao Campo de S. Sebastião.

DE LISBOA

1 de Junho

A imprensa foi fornecido o projecto da nova Constituição, de que já no último número demos alguns tópicos.

Hoje podemos acrescentar que, sob o ponto de vista político, a Assembleia Nacional ou Parlamento se compõe de 90 deputados, eleitos por 4 anos, sendo 45 por sufrágio dos corpos administrativos e 45 por sufrágio directo. O chefe de Estado é o Presidente da República, eleito pela Nação, por 7 anos, não podendo ser reeleito para o septênio imediato.

Sob o ponto de vista religioso, é livre o culto público ou particular de todas as religiões, a cujos organismos o Estado reconhece personalidade jurídica. Os cemitérios públicos terão carácter secular, podendo os ministros de qualquer religião praticar neles os respectivos ritos.

Nos últimos tempos, certa aristocracia vem dando que falar aos jornais e que fazer à polícia.

Ainda não terá passado um mês que ali no Torel respondeu e foi condenado a prisão correcional um titular de fresca data que, num templo desta cidade, praticara actos imorais, de que a imprensa, oportunamente, se ocupou.

Pois, no Tribunal do Contencioso Fiscal acaba também de ser julgada uma senhora condessa que tentou passar aos direitos 3 pacotes de sedas, malas de mão e outros artigos comprados em Espanha.

Foi condenada na multa de 31 contos, além da perda dos valores que tentou descaminhar.

O acontecimento de maior sensação da última semana foi a inauguração da Feira do Livro que, desde o dia 26, se está efectuando no Rossio e se prolongará até ao próximo domingo.

São numerosas as barracas ou «stands» e variadíssimas as edições expostas.

As obras de Junqueiro, Eça de Queiroz, Ferreira de Castro e Ribeiro de Carvalho são as que tem tido maior procura.

Está em Lisboa o dr. Washington Luís, ex-Presidente da República Brasileira, destituído há ano e meio por uma revolução.

O ilustre político vai passar uns dias a Traz-os-Montes, onde tem parentes, seguindo depois para França e d'aí, possivelmente, para o seu país, cujo regresso à normalidade constitucional se anuncia para breve.

Com muita concorrência e animação, terminou ontem o 1.º Congresso Nacional de Radiotelegrafia, da iniciativa do jornal *O Século*.

Nas suas 4 sessões discutiram-se e aprovaram-se várias teses de grande alcance para o desenvolvimento da T. S. F.

O «núcleo local» dêsse conselho confiou a sua representação à direcção do Rádio Club Português.

Lisboeta.

«Alma Popular»

O nosso jornal dá entrada hoje, 3, na estação telégrafo-postal desta vila, devendo por isso ser entregue aos nossos assinantes no sábado, dia 4.

Agência d'O Primeiro de Janeiro

RELOJOARIA NEVES

Dão-se todos os esclarecimentos

Porque sou republicano

Cada homem que presa a sua honra e ouve a sua consciência, tem, por condição principal na vida, ser leal, sincero e oportuno, desde que esta oportunidade não possa ser tomada como conveniência material para servir os seus próprios interesses.

Ser oportuno é ter a noção exacta das suas atitudes quando a consciência lh'as impõe. O que um homem de bem não pode fazer nunca, sob pena de dar aos outros o direito de o classificarem de menos digno, é usar perante os acontecimentos o estratagemas da *double face*, do malabarismo repugnante de possuir duas honras, uma para uso caseiro e outra para uso público.

Quando se implantou a República, o novo regime encontrou do lado de lá da barricada. E nas horas de luta e de perigo, quando ser-se monárquico não era uma posição de gôso, mas de sacrifício, fui monárquico, abertamente, francamente, lealmente, eu que tinha, na verdura dos meus vinte anos, combatido a peito descoberto o governo de João Franco. E sempre na primeira linha de fogo, combati todos os excessos e todos os desmandos, sem uma deslealdade, sem um desânimo, sem nunca voltar a cara aos meus adversários.

Veio depois a guerra. Entendi que Portugal devia, por honra, brio e conveniência patriótica, entrar no grande conflito, ao lado dos aliados.

Data d'aí o meu afastamento das fileiras combativas da monarquia. Mas era monárquico e monárquico fiquei. E tão consciente da minha situação política que nunca aceitei lugar algum da República, apesar de muitos me terem sido oferecidos.

E' que eu tinha então, como tenho hoje, a doutrina de que a República devia ser para todos os portugueses, mas o Estado republicano só para os republicanos. Diga-se isto, para que me não recordem velhacamente os trapeiros de *A Voz*.

Tive uma aspiração, uma única, a que me davam direito os meus anos de jornalista parlamentar—ser redactor das Câmaras.

Só isto pretendi na legitima segurança dos meus direitos, e todos os outros lugares rejeitei, todos! como estão aí vivos dois presidentes do ministério que o podem confirmar.

Mantive sempre activa e intacta a ânsia da liberdade. Sempre!

Havia combatido o governo de João Franco. Com a mesma impetuosidade e o mesmo ardor, combati os governos de Pimenta de Castro e Sidónio Pais.

E, coisa curiosa, na minha já longa vida de jornalista, não tenho até hoje que me arrependei de um único artigo em que puzesse o meu nome. Um único!

Nunca classifiquei ninguém de inimigo. Julguei-os sempre a todos apenas adversários.

Mas fui andando e vendo e observando os meus correligionários de então, e nos longos polilóquios com a minha consciência, pasmava das suas atitudes.

Afinal eles eram sómente *monárquicos* no rótulo e quasi todos *republicanos* nas regalias.

Diziam-se e dizem-se monárquicos e eram e são funcionários públicos! Davam vivas ao Rei mas iam ao beija mão do sr. dr. Afonso Costa, do sr. dr. António José de Almeida ou do sr. dr. Brito Camacho.

Quere dizer—*monárquicos* em casa, na rua e nos cafés, e repu-

blicanos nas repartições para que a República lhes pagasse e lhes pague o dizerem mal dela, o entravarem-lhe a sua marcha social e política.

Positivamente isto não é sério, nem bonito, nem decente.

E o Rei? Que fazia o sr. D. Manuel? O mesmo que tinha feito já: fugia ás responsabilidades da sua missão, por medo ou por comodismo, ou talvez pelas duas coisas juntas.

Ora todos sabem que Monarquia ou República, são simples fórmulas de governo. Nada mais do que fórmulas de governo. Qual a melhor? Aquela que, na ocasião oportuna, melhor servir os interesses de um povo.

Não tinha, nem tem Portugal um Rei, e raros eram e são em Portugal os monárquicos, no puro sentido da palavra. E o povo português, tão cioso dos seus direitos de cidadão que já em tempos distantes batera o pé a um dos seus monarcas, havia-se transformado galhardamente no povo mais acentuadamente republicano do mundo.

Nas lutas dos homens, nos dissídios dos partidos, na cobiça desenfreada das benesses, existia uma entidade que se mantinha fiel aos seus princípios, escrava da sua fé e da sua palavra: era o povo, cada vez mais exaltadamente republicano, sentindo cada vez mais a sua República, que muitos deles tinham inconscientemente diminuído e outros infamemente traído. O povo, sim. O povo era bem aquele aguerrido pioneiro do Ideal que pela Liberdade se tinha batido sempre em todas as conjecturas más e difíceis da Pátria.

Surgiram, depois, os acontecimentos de 1926. Logo de entrada, porque nunca me verguei, nem me vergarei jámais perante os de cima, fui o único jornalista a quem foi vedado, durante vinte e dois dias, exercer a sua honrada profissão.

Regressado ás lides, retomei o meu pôsto, sempre com a mesma lealdade e com a mesma independência. E quando muitos dos que hoje me acusam de ter sido abertamente monárquico, abriam os seus braços em adoração ao sol nascente, na conquista desenfreada da pitaça, atirei eu para a publicidade uma carta dirigida ao meu velho e muito querido amigo dr. Domingos Pereira, figura das mais altas e das mais dignas da República, a minha profissão de fé republicana.

Porquê?!

Porque entendi e entendo que a República é o regimen que mais convém hoje a Portugal e porque havia firmado a minha convicção de que Portugal ou vive em República, liberal e digna, limpa e honesta, ou não poderá subsistir como nação livre e autónoma.

E vim para a República com o mesmo entusiasmo, a mesma fé, a mesma digna isenção com que sempre tenho servido a minha Pátria. E aqui estou neste pôsto de sacrifício, de amarguras, de tenacidade, combatendo pela República, com esta declaração aleventada e nobre de que da República nada quero, nem pretendo, porque me basta para me manter e para assegurar o pão honrado dos meus filhos, esta minha caneta de jornalista, que nunca mercadejou favores, nem benesses, nem situações.

Aqui estou!

Quanto aos meus antigos

HORAS LIRICAS

ANSIEDADE DO MAR

Espelho azul d'humana criatura,
O Mar, lânguido e mole, em maré cheia,
Curvando ondas d'espuma sôbre a areia,
Desenha fórmias belas d'escultura.

Mago cinzelador da arte pura,
Ora esculpe, na água, uma Sereia.
Ora é o corpo de Venus que se enleia
Em ondas d'encantada formosura...

Como eu, também, o Músico-escultor,
Ora soluça e ri, ora se exalta
Em crispações aquáticas de Dôr,

Ora treme, convulso, ao vento forte...
E se não chega à Perfeição mais alta,
O louco anseia a Perfeição da Morte.

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

correligionários, a esses que se dizem ainda monárquicos, mas vão servindo, quando lhes convém, a República, cometendo a baixezia de lhe aceitarem os seus pingues lugares á mesa do orçamento, com esses conversarei num próximo artigo.

Não! Que se seja monárquico intranzigente, por convicção e por princípios, é nobre, digno e respeitável. Mas que se seja monárquico para dizer mal da República, e ao mesmo tempo funcionário da Republica para lhe receber os cobres, isso é que é muito baixo e muito reles.

Pois bem: hoje, como ontem, como sempre, serei o mesmo homem, com a mesma ânsia de liberdade, o mesmo enstranhado amor aos pobres e aos humildes, a mesma repulsa a todas as infâmias, a todas as maldosas repressões, a todas as tiranias.

E' por isso que, junto, do fundo da minha alma, ao grito: — VIVA A LIBERDADE!, este outro, leal e sincero: — VIVA A REPUBLICA!

João Paulo Freire
Director técnico do «Diário da Noite»

Expediente

Estamos procedendo à cobrança das assinaturas da *Alma Popular*, cujo ano terminou, para a maioria dos nossos muito prezados assinantes, em 30 de Setembro. Por isso, confiadíssimos, como sempre, na generosidade dos nossos assinantes, esperamos dever-lhes o favor do melhor acolhimento para os nossos recibos, pagando-os logo que lhes sejam entregues.

Aqui ficam, pois, os nossos antecipados agradecimentos, especialmente áqueles que nos enviarem directamente a importância da sua assinatura, evitando-nos assim trabalho e despeza.

Pedimos aos nossos assinantes a fineza de nos avisarem, num simples postal, sempre que mudarem de residência, a fim de não sofrerem interrupção na remessa do nosso jornal.

Igualmente pedimos aos nossos amigos que nos participem alguns acontecimentos, dignos de registo, ocorridos nas suas terras.

Por Fermentelos

29-5-1932

O povo, na sua linguagem rude, emprega por vezes adágios que são a genuina expressão da verdade. Há dias ouvimos dizer a um lavrador, meio remediado, o seguinte adágio, a propósito do último decreto governamental relativo á venda do vinho: — «Corre o bem para o bem e o mal para quem o tem». E, seguindo o nosso caminho, pensávamos naquelas simples palavras, pensando também ao mesmo tempo nas circunstâncias bastante críticas em que aquele e outros se encontram, vendendo o seu vinho a 7 e 8 escudos o duplo decalitre e comprando as matérias químicas de que precisam por um preço bastante exagerado, ao mesmo tempo vendo que o vinho, que na sua adega não atinge mais do que aquele preço, pelo recente decreto vai o consumidor pagá-lo a cem por cento a mais.

— A questão do chafariz continua no mesmo pé, persistindo a corporação administrativa em o construir em frente á casa da sr.^a Joana Nunes, só para privar o sr. Francisco N. Geraldo dos sobejos da água. Isto é que é uma boa administração, e com imparcialidade.

— Como medida profilática, continuam encerradas as escolas, para evitar a propagação da coqueluche.

Dizem-nos que aos domingos e dias santos, na igreja, é insuportável o que se passa com aquela moléstia, não só pelo aglomerado de povo que ali se reúne, como pela falta de ventilação proveniente das portas e janelas se conservarem fechadas durante o dia, sem que as autoridades sanitárias intervenham no assunto.

Sem ferir a crença de cada um, não seria uma medida acertada o encerramento daquele edificio emquanto durar a epidemia da coqueluche?

— No próximo dia 13 devem realizar-se os festejos ao Santo António, que na véspe-

ra terão arraial com fogo de artifício e concerto de músicas pelas filarmónicas «Nova», daqui, e de S. João de Loure.

— Manifestou-se ontem um incêndio na casa do sr. José Pires dos Reis, que não teve conseqüências de maior, dado o socorro que prontamente lhe foi prestado.

— De passagem para Lisboa, a tratar dos seus negócios, vimos aqui o nosso amigo Alvaro Neves, a quem cumprimentamos.

C.

Relógios de bolso, parede e despertadores, estojos para brindes, etc., etc., vendem-se na Relojoaria Neves.

MUDANÇA

Comunica-nos o nosso assinante, sr. Angelo Pato, com alfaiataria nesta vila, que acaba de mudar a sua officina para o Senhor dos Aflitos, ficando instalada no prédio do sr. Benjamim Páscoa, onde continuará a servir os seus estimados clientes. Muitas prosperidades.

ANUNCIOS

EDITAL

António Tavares d'Araujo e Castro, Administrador do Concelho de Oliveira do Bairro:

FAÇO saber, para os efeitos do art. 43.º do Código de Caça (Dec.º 20:199), que, no primeiro domingo, dia 5 do próximo mês de Junho, se deverá proceder à eleição da Comissão Venatória deste concelho, no edificio dos Paços do Concelho, pelas 13 horas, eleição esta que, no caso de se não realizar por falta de eleitores, deverá ter lugar no domingo immediato no mesmo local e á mesma hora.

Do que para constar se passou o presente e outros de igual teor que serão afixados nos lugares públicos do costume.

Oliveira do Bairro, 24 de Maio de 1932. E eu, Bernardo Alves de Seabra, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

António Tavares d'Araujo e Castro.

Ferreira da Costa

Médico
Especialista pela Universidade de Bordéus
Doenças dos ouvidos,
::: nariz e garganta :::

Consultas, segundas e sextas-feiras, das 10 ás 12 horas, no consultório do Dr. Soares Machado—AVEIRO.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

Alfaiataria Visiense
DE
Francisco da Costa Teixeira
Encarrega-se de todo o serviço pertencente á sua arte
R. Cândido dos Reis—OLIVEIRA DO BAIRRO

Solicitador
ANIBAL LOURENÇO DE ALMEIDA, no escritório do advogado Pinto Coelho.
Anadia

Vasconcelos Dias
Cirurgião dos Hospitais Civis
Chefe da clinica cirúrgica do Hospital Militar de Lisboa
Cirurgia geral—Operações e partos—Doenças das senhoras
Consultório—LARGO DA GRAÇA, 107-1.º
TEL. 24761
Residência—R. CIDADE LIVERPOOL, 10
TEL. N.º 4493
Consultas ás 19 horas

Máquinas de costura Pfaff, as melhores. Confrontem qualidade e condições. A' venda na Relojoaria Neves.

Lotarias
Jogo para todas as extracções, aos seguintes preços:— Bilhetes, 180\$00; meios, 90\$00; décimos, 18\$00; vigéssimos, 9\$00. Pelo correio, mais 1\$00. Sempre números certos.
Pedidos a
J. Barros Júnior
OLIVEIRA DO BAIRRO

FOTOGRAFIAS para bilhetes de identidade e para várias documentações, tiram-se com a máxima brevidade e por preços económicos na
FOTO ROBALO
Oliveira do Bairro

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

Cobrança de Dívidas
Sem encargo para o crédor. Trata
Joaquim Ferreira de Carvalho.

José Dias Bátista
(Alfaiate)
Que já tem trabalhado em diversas freguesias da Bairrada, está actualmente em COTAS, Ambulância do Douro, para onde lhe deve ser dirigida toda a correspondência.

Escritório Técnico de Contabilidade
ANADIA
Solicitação Comercial.
Cobrança de dividas.
Organização, continuação de escritas e balanços.

O SOLICITADOR
Anibal Lourenço de Almeida

ANGELO GRAÇA
MÉDICO
Consultas no Silveiro das 10 ás 12 horas.
Residência na Fogueira e consultas das 3 ás 5 da tarde.

Assinar a «Alma Popular» é contribuir para a defeza da República e dos direitos a que tem jus o Povo.

FARMÁCIA Araujo Vicente
TROVISCAL
Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras.

